

**MEGAEVENTOS** Com o fim das grandes competições no Brasil, a dúvida de atletas é se será possível manter benefícios e contratos de patrocínio

# Depois da festa, a incerteza

VÍTOR DE MORAES

**E**m 2007, o Rio de Janeiro recebeu os Jogos Pan-Americanos. Dois anos depois, acabou eleito sede da Olimpíada de 2016. Poucas semanas após esse anúncio, o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) publicou estudo sobre aplicação de recursos em eventos internacionais. Pela frente, o país tinha as copas das Confederações e do Mundo e uma Olimpíada para organizar. "Vale o investimento?", perguntou o Ipea.

De várias formas, o instituto respondeu positivamente. "A imagem de pujança econômica de Barcelona seria hoje improvável sem os Jogos (de 1992)", escreveu um dos pesquisadores. Nos últimos dias, o Brasil e o Rio vivem clima de fim de festas — assim, no plural. Foram nove anos vivenciando e ansiando por eventos esportivos de grande magnitude.

Pan, Copa das Confederações, Mundial, Olimpíada/Paralimpíada consumiram, aproximadamente, R\$ 80 bilhões (valor corrigido) de investimento direto. Não entram na conta, por exemplo, gastos com programas como o Bolsa Atleta.

Uma enorme interrogação paira sobre as cabeças dos brasileiros. O que será das modalidades esportivas do país a partir de agora? O próprio Ministério do Esporte teve seu status questionado — falou-se em virar uma secretaria. Os investimentos em atletas e no ciclo olímpico para Tóquio-2020 ainda são grandes questões.

Antes dos Jogos do Rio, em maio, o ministro Leonardo Picciani assegurou a continuidade do programa Bolsa Atleta e da pasta comandada por ele. O Bolsa Pódio, destinado a esportistas de alto rendimento, pagou entre R\$ 5 mil e R\$ 15 mil ao mês a 220 atletas. O benefício chegou ao

Toshifumi Kitamura/AFP - 8/8/16



**Luta da medalhista de ouro Rafaela Silva: judô recebeu investimento da Infraero de R\$ 1,75 milhão, mas ainda não sabe se terá o contrato renovado**

fim, e os representantes do país no Rio suplicam pela renovação.

“Na verdade, a gente precisa compreender um pouco a questão das confederações. Temos mais evidente o caso da CBDA (Confederação Brasileira de Desportos Aquáticos). Essa situação mostra que há muito a se corrigir, a rever como são gastos os recursos

dessas instituições. Dinheiro não falta, o que precisa é que se gaste bem”, salienta Carlo Alberto de Andrade Lima, coordenador do Núcleo de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio). Ele se refere ao fato de o Ministério Público Federal ter pedido o afastamento do presidente

da CBDA, por suspeita de improbidade administrativa.

Neste início de ciclo olímpico para 2020, alguns patrocinadores do esporte brasileiro começam a pensar sobre novos vínculos reajustados. A Infraero, por exemplo, investiu R\$ 1,75 milhão no judô olímpico nesta temporada. O contrato termina em novembro,

e a estatal analisa a renovação.

A maior preocupação dos atletas, porém, ainda são os programas e benefícios do Ministério do Esporte. Durante os Jogos, os competidores externaram o receio a diversos veículos de comunicação. O *Correio* entrou em contato com o ministério, mas não obteve resposta.

# O legado olímpico

A atual geração, e talvez as seguintes, não terá o privilégio de ver o Brasil abrigar megaeventos esportivos como os dos últimos nove anos. Para a população e seus herdeiros, porém, perdurará o chamado legado olímpico.

O governo federal apresentou, no início de agosto, a Rede Nacional de Treinamento, integrada por instalações do Parque Olímpico da Barra e do Complexo Esportivo de Deodoro. Instalações erguidas no parque vão ser usadas por escolas e esportes de alto rendimento. A Arena do Futuro será desmontada e transformada em quatro escolas municipais.

O Parque Aquático, desmembrável, viajará para diferentes cidades brasileiras. A iniciativa privada também fará parte do pós-Olimpíada. Será concedida a ela a Arena Rio, onde foram disputadas provas de ginásticas artística, rítmica e de trampolim. O Complexo de Deodoro terá instalações administradas por Exército e prefeitura. “Os Jogos Olímpicos duram 16 dias, e os Paralímpicos, 11, mas o fundamental é que esses equipamentos fiquem para o Rio e para as futuras gerações”, discursou o ministro do Esporte, Leonardo Picciani, em entrevista no início de agosto.

No pós-Copa, apostou-se na venda de naming rights de arenas. Algumas conseguiram fechar negócio, como as de Salvador e Recife. Foram poucas, porém. “No Brasil, existe um medo dos investidores de que as arenas sejam rebatizadas pelas emissoras

de TV, o que pode não dar retorno. Então, como você quer que tenha investimento?”, questiona Robert Alvarez, professor de marketing esportivo na Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM).

## Benéficos

De forma geral, especialistas apontam os Jogos Olímpicos como mais benéficos ao país e ao Rio. Principalmente porque os estádios construídos e reformados para o Mundial de futebol, apesar de todos os alertas, acabaram confirmando o status de elefantes brancos.

“A Olimpíada é diferente. Você não precisa de muitas sedes, concentra-se tudo em uma cidade só. E ela (Rio) conseguiu fazer uma reestruturação da zona portuária, do VLT, do metrô. Eu acredito que haverá um retorno social muito bom”, avalia Mauro Johashi, sócio-diretor da divisão de consultoria de gestão da BDO Brasil.

Os indicadores sociais realmente deram sinais positivos desde o anúncio da capital fluminense como cidade-sede da Olimpíada, conforme concluiu estudo da Fundação Getulio Vargas. “O Rio vem caindo em indicadores medidos pelos censos de 1970 até 2010. A gente fez uma pesquisa com 10 variáveis, e, antes da Olimpíada, o Rio tinha retrocesso nos 10. Depois dos Jogos, o município passou a avançar em oito”, frisa Marcelo Cortês Neri, professor de economia da FGV Social.



Adrian Dennis/AFP - 9/8/16



Com o fim dos Jogos, as instalações do Parque Olímpico da Barra passarão a ser utilizadas por escolas e praticantes de esportes de alto rendimento

## Os patrocinadores

### Infraero

» O patrocínio ao judô para cegos, no valor de R\$ 500 mil anuais, foi renovado para 2017. O contrato com o judô olímpico termina em novembro, e a extensão está em discussão.

### Caixa

» Entre 2013 e 2016, o banco somou R\$ 273,2 milhões em patrocínios às

confederações de Atletismo (R\$ 90 milhões), Ginástica (R\$ 35 mi), Lutas Associadas (R\$ 11,2 mi), Ciclismo (R\$ 17 mi) e ao Comitê Paralímpico Brasileiro (R\$ 120 mi). A Caixa, porém, não respondeu sobre a renovação desses vínculos.

### Banco do Brasil

» O banco investe no vôlei (de quadra e praia) com

R\$ 276,4 milhões. O contrato com a Confederação Brasileira de Vôlei (CBV) vence em abril de 2017, e a renovação está em negociação. O handebol também recebe recursos do BB, via Confederação Brasileira de Handebol (CBHb). O vínculo foi renovado (2016-2018), e o valor passou de R\$ 14,6 milhões para R\$ 15,5 milhões.

*“O Rio de Janeiro conseguiu fazer uma reestruturação da zona portuária, do VLT, do metrô. Eu acredito que haverá um retorno social muito bom”*

Mauro Johashi,  
sócio-diretor da BDO Brasil